

## PARA PENSAR A ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA: COMO NASCE A EXCLUSÃO.

Priscila Elisabete da SILVA<sup>1</sup>

Constantemente as pesquisas sobre a qualidade da educação brasileira mostraram dados alarmantes: queda de matrícula em todos os níveis de educação básica no país, queda em nota de todas as disciplinas, disparidade na qualidade do ensino privado e do ensino público, são algumas das conclusões apresentadas por instituições como o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), ENAD (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes).

Cruzando estes dados com os já conhecidos históricos da população negra apresentados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) não é difícil perceber que uma grande parcela da população negra em período educacional encontra-se aí representada. Este fato pode ser compreendido a partir do histórico do processo educacional brasileiro, quando a educação pública foi alicerçada por parâmetros eugênicos<sup>2</sup>.

*Diploma de brancura* escrito por Jerry Dávila (2006) como resultado de sua tese de doutorado na Brown University, publicado recentemente pela editora Unesp, é um livro que certamente marcará a história da educação brasileira. Orientado por Thomas Skidmore, Dávila nos apresenta um trabalho histórico-sociológico extremamente rico, seja por sua pesquisa documental, seja por suas ilustrações reveladoras, mas principalmente por sua discussão original. Uma contribuição fundamental para a discussão ora vigente sobre a distribuição de políticas públicas para grupos socialmente discriminados.

Estruturado em seis seções principais, além de um epílogo (intitulado: “O persistente fascínio brasileiro pela raça” que nos chama a atenção para o que é

<sup>1</sup> Mestranda em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – pribeth@yahoo.com.br

<sup>2</sup> “Eugenia (do grego *eu*, bem, *genus*, nascido) é um termo cunhado por Francis Galton em 1883 para abarcar o conjunto de estudos e práticas voltadas para o controle da hereditariedade humana visando a preservação de grupos ‘raciais’ considerados superiores e a contenção da reprodução dos grupos e indivíduos que representassem uma ameaça, sobretudo as ‘raças inferiores’, os portadores de deficiências físicas, doentes mentais e desviantes em geral.” (MISKOLCI, 2005, grifo do autor).

ser brasileiro) o livro tem como objetivo principal estudar a formação de políticas públicas sociais, especialmente na área educacional, que foram expressas na primeira metade do século XX no Rio de Janeiro, mas que se colocava como padrão para todo o Brasil.

Estudando as ações de educadores, intelectuais, médicos e cientistas sociais durante a primeira metade do século XX, Dávila (2006, p.12) demonstra que “[...] quando as instituições educacionais contemporâneas foram formadas, o pensamento racial ajudou a guiar as políticas públicas.” Revelador? Pode ser para aqueles que não buscam refletir o quadro de desigualdade étnico-racial presente na educação brasileira. É exatamente para nos ajudar a pensar este problema educacional que Dávila discorre sobre a influência de idéias eugênicas na estruturação e expansão do sistema de educação pública brasileira.

Com riqueza de detalhes – incluindo fotos históricas –, o autor nos apresenta os principais atores envolvidos com o sentimento que marcou a história política e social do Brasil a partir dos anos de 1930. Imbuídos pelo nacionalismo misturado com ideologias científicas racialistas presentes na virada do século XIX para o XX, não só políticos, mas uma esmagadora maioria dos intelectuais brasileiros esforçaram-se para transformar esta sociedade – a partir de seu povo – em uma nação civilizada, moderna seguindo o modelo das nações européias, o que significa dizer que o pano de fundo das ações públicas deste período histórico – entre elas as políticas educacionais – foram geradas como instrumento de branqueamento do povo brasileiro.

Acreditando na idéia de que o Brasil estava doente pelo fato de ser formado por um povo degenerado, pois ainda viviam sob o atraso cultural herdado por seus antepassados (leia-se indígenas e africanos), estes intelectuais, homens de ciência e políticos viam na construção da escola universal um instrumento para a extirpação da degeneração que acometia o povo brasileiro. Desta forma, a escola pública foi tomada como o remédio para “sasar” o Brasil e pressupunha: “[...] transformar uma população geralmente não-branca e pobre em pessoas embranquecidas em sua cultura, higiene, comportamento e até, eventualmente, na cor da pele.”, DÁVILA (2006, p.13).

No livro vemos como a educação pública brasileira esteve (no momento de sua criação) intimamente relacionada com políticas racialistas; os alunos pobres e/ou negros, a partir da expansão do ensino público, foram marcados por um estigma que ainda hoje é posto em ação nas relações intra-escolar, qual seja, a associação do aluno negro com o estereótipo de problemático, doente e de baixa capacidade intelectual. As escolas vocacionais, que serviram de modelo para o que hoje conhecemos como o

Senai e o Senac<sup>3</sup>, surgem neste mesmo quadro e eram frequentadas majoritariamente, por alunos negros, os mesmos que eram reprovados em testes de Q.I. (quociente de inteligência) empregados no sistema educacional brasileiro entre os anos de 1920 e 1930, cuja função era a seleção das crianças das séries iniciais entre aquelas que teriam um ensino voltado para o desenvolvimento de suas capacidades culturais (o que podemos entender como o ensino das humanidades) e aquelas que deveriam desenvolver suas capacidades manuais em oficinas de carpintaria e mecânica – para os meninos – e cuidados com a higiene e com a vida doméstica – para as meninas.

Um dos resultados destas políticas, segundo Dávila (2006), foi expresso – entre outros pontos – pelo gradual desaparecimento dos professores (as) negros (as) que lecionavam e/ou dirigiam instituições escolares no Brasil até a década de 1920. Comparando fotografias do quadro docente de escolas públicas (no Estado do Rio de Janeiro) tiradas na virada do século XIX para o XX, com outras fotografias tiradas nas décadas de 1930 e 1940, este autor percebe que as primeiras apresentavam uma quantidade significativa de docentes negros (cerca de 15% dos professores fotografados antes de 1920 eram negros), fato que muda bruscamente quando se analisa as fotografias dos anos de 1930 e 1940 (quando este número decresce para 2%). Foi exatamente nas primeiras décadas do século XX que, pautados numa ideologia política nacionalista (e racialista), nossos dirigentes – através do sistema educacional – procuraram construir o povo brasileiro, em tudo diferente daquele até então existente.

Na construção do sonhado “povo brasileiro” delineou-se a profissionalização do ensino e, como nos mostra Dávila (2006), esta ação envolveu valores combinados de raça, classe e gênero. Modernizar o quadro docente que seria responsável pela educação do povo brasileiro significava criar uma identidade docente que correspondesse a ser mulher, branca e pertencer à classe média. Aqueles que não se enquadravam neste modelo, pouco a pouco foram excluídos do sistema educacional brasileiro<sup>4</sup>.

No momento em que a docência ganha relevância e valorização social – quando ocorre a profissionalização desta carreira – os poucos negros que estavam nestes postos são retirados, pois não poderiam servir de modelo para as crianças brasileiras.

<sup>3</sup> Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial); Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial), ambos criações do Ministério da Educação e Saúde, um órgão do governo criado em meados de 1930 que arroga a si a função de preparar, compor e aperfeiçoar, o homem brasileiro (DÁVILA, 2006).

<sup>4</sup> Anísio Teixeira, um dos principais reformadores educacional deste período, foi buscar no “Teachers College da Universidade de Colúmbia” um modelo de formação que “[...] projetavam o treinamento de uma elite educacional internacional ‘destinada a ocupar posições estratégicas em seu país natal’.” (DÁVILA, 2006, p.166, grifo do autor).

Por quê? Tão somente por sua descendência africana, vista como símbolo de atraso cultural.

Hoje, quando analisamos como se dá a distribuição das carreiras na sociedade brasileira, percebemos que não só a docência, mas diversas profissões de médio ou alto prestígio social apresentam uma porcentagem baixíssima de negros (as). Um exemplo explícito deste fato é a presença de professores negros nas universidades públicas no Brasil, fato que certamente encontra eco no quadro analisado por Jerry Dávila (2006)<sup>5</sup>.

O livro de Jerry Dávila (2006), além de discutir a formação do sistema educacional brasileiro e as políticas públicas dos primeiros anos do século XX no Brasil, nos brinda com uma discussão ainda hoje tão cara ao nosso pensamento social, qual seja, o que é ser brasileiro? Na visão deste “estrangeiro”, ser brasileiro é ter um persistente fascínio pela idéia de raça. Ainda hoje, ter um “diploma de brancura” é ter um diferencial em nossa sociedade. Este diferencial certamente influencia a formação e distribuição de políticas públicas. Para entender os meandros deste processo torna-se fundamental àqueles que pensam a formação social brasileira (e aqui chamamos a atenção para todas as áreas de conhecimento) a leitura deste livro que, além de prazerosa, mostra-se uma experiência intelectual necessária.

DÁVILA, J. **Diploma de brancura**: política social e racial no Brasil: 1917-1945. Tradução de Claudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Ed. UNESP, 2006. 400 p.

## Referências

CARVALHO, J. J. de. O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, n.68, p.88-103, dez./fev. 2005/2006.

\_\_\_\_\_. **Inclusão étnica e racial no Brasil**: a questão das cotas no ensino superior. São Paulo: Attar Editorial, 2006.

MISKOLCI, R. Do desvio às diferenças. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n.47, p.9-41, jul./dez. 2005.

---

<sup>5</sup> Para aprofundar o assunto ver Carvalho (2005/2006, 2006).